



(COM) PARTILHAR CONCEITOS: BARTHES E A IDEOLOGIA

Pedro Henrique Trindade Kalil Auad*

* pedroauad@gmail.com
Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e mestre em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras da UFMG.

RESUMO: Neste trabalho, estudo o uso do conceito “ideologia” por Roland Barthes ao longo de sua obra. Partindo de obras seminais do teórico francês, exploro as utilizações e conceptualizações, por vezes divergente, por vezes confluentes, desse termo. Com isso, pretendo mostrar que Barthes não só fez conviver em sua obra teóricos e escritores diversos, mas também teorias e suas percepções.

PALAVRAS-CHAVE: Roland Barthes; ideologia; estruturalismo.

ABSTRACT: In this paper, I explore the concept of “ideology”, by Roland Barthes, throughout his work. Starting from seminal works of the French theorist, I investigate the uses and conceptualizations, sometimes divergent, sometimes confluent, of this term. With that, I want to show that not only did Barthes, in his work, make live together theorists and writers, but also theories and their perceptions.

KEYWORDS: Roland Barthes; ideology; structuralism.

Roland Barthes, em seus trabalhos, criou uma forma de conversação entre diferentes autores, como é possível perceber em seu belo *Fragmentos de um discurso amoroso*, surgindo, assim, uma espécie de espaço de convivência para que se crie um diálogo que seria mediado pelo crítico e teórico. Em *Como viver juntos*, conjunto de anotações para suas aulas no *Collège de France*, esses diálogos, conversações, são transmutados na capacidade de convívio, na ousadia de se “viver junto”, inclusive lamentando a não-vivência que poderia ter sido incrível: “posso dizer, sem mentir, que Marx, Mallarmé, Nietzsche e Freud viveram vinte e sete anos juntos. Ainda mais, teria sido possível reuni-los em alguma cidade da Suíça em 1876, por exemplo, e eles teriam podido – último índice do Viver-Junto - ‘conversar’”.¹ Se toda a teoria é também uma metateoria, como afirma o próprio teórico, pode-se pensar que ao passo que estuda grupos, sociedades, etc., ele também pensa sobre seu próprio ato teórico. Barthes, por sua vez, não só criou esse espaço de convivência entre autores, como também criou espaço para que conceitos pudessem coexistir, fazendo com que um conceito possa “viver junto” com suas múltiplas possibilidades. Este trabalho irá se direcionar nesse sentido, pensando em como Barthes fez coexistir, ao longo de sua obra, concepções por vezes opostas do conceito de ideologia. Utilizaremos, para tal empreitada, três textos do autor: *O grau zero da escrita*, “O que é a crítica” e “O efeito de real”. Porém, em vez de adentrar diretamente nos textos, gostaria de expor aqui um lado pouco dito do estruturalismo.

Como sabido, a maior influência que se exalta do estruturalismo francês foi a linguística. A importância dessa ciência foi de tal forma determinante que as reviravoltas teóricas daquela época foram denominadas como “virada linguística”. Essa virada aconteceu ao introduzirem preceitos dessa disciplina dentro das ciências humanas, isto é, a linguística teria servido como base teórica e metodológica para vários campos de estudo, incluindo aí a literatura, a antropologia, a sociologia, os estudos do cinema, a psicanálise, entre outros. Entretanto, não foi somente a linguística que serviu como inspiração para o estruturalismo, ao menos quando destacamos dois dos seus maiores representantes: Claude Lévi-Strauss, tido como fundador da antropologia estrutural que viria a influenciar boa parte do pensamento francês e do mundo na época, e Roland Barthes, o mais iminente teórico literário do período. Destaco aqui que o marxismo, de certa forma, é também uma influência determinante para o estruturalismo, mesmo recebendo ataques intensos por parte de marxistas, como Carlos Nelson Coutinho, que dedicou um livro inteiro à crítica a essa vertente teórica, intitulado *O estruturalismo e a miséria da razão*, em que entende, de forma um tanto polêmica e parcial, que obra de Lévi-Strauss “empobrece a racionalidade, limitando-a às regras formais, manipulatórias, de ‘decomposição’ e ‘combinação’”² e a obra barthesiana a uma “defesa dessa arte reduzida a puro jogo técnico”.³

1. BARTHES. *Como viver juntos*, p. 11.

2. COUTINHO. *O estruturalismo e a miséria da razão*, p. 111.

3. COUTINHO. *O estruturalismo e a miséria da razão*, p. 152.

4. Cf. GOLDMAN. *Lévi-Strauss, a ciência e as outras coisas*.

Por outro lado, vê-se que o trabalho de Lévi-Strauss bebe em diversas fontes, como Marcio Goldman⁴ afirma: o antropólogo francês teve ao menos três grandes paixões juvenis que refletiram ao longo de toda sua obra: a geologia, o marxismo e a psicologia. Essas paixões indicariam, inicialmente, a grande questão que Lévi-Strauss tentaria responder ao longo de sua longa carreira: explicar aquilo que, na aparência, seria ininteligível. Essa influência inicial, entretanto, permaneceu e Lévi-Strauss, o “fundador” do estruturalismo antropológico, reclamava em algumas ocasiões certa ligação com o pensamento de Karl Marx e Friederich Engels. Não quero me alongar muito nesse sentido, mas gostaria de citar, de passagem, ao menos duas reivindicações de herança marxista que o antropólogo francês realiza no posfácio ao capítulo XV, *A noção de estrutura em etnologia*, de seu livro *Antropologia estrutural*.

No conceito-chave da antropologia estrutural – estrutura – Lévi-Strauss percebe que não há uma harmonia “original” entre os diversos níveis de uma dada estrutura, reconhecendo que aí pode haver contradição e essa contradição não as exclui de pertencer a um mesmo grupo. A esse pensamento, ele identifica o materialismo histórico, “quando afirma que é sempre possível passar, por transformação, da estrutura econômica ou daquela das relações sociais para a estrutura do direito, da arte, ou da religião”⁵ já que “essas transformações são dialéticas e, em alguns casos, enfrenta[m] dificuldades

para encontrar a transformação indispensável que parecia inicialmente refratária à análise”.⁶ Dessa forma, o autor de *Tristes trópicos* afirma que a relação entre as mudanças na estrutura é, de certa forma, parecida com a dialética.

Em outro trecho do mesmo texto, Lévi-Strauss acredita que o seu conceito de história se aproxima daquele de Marx e Engels. Defendendo-se contra um ataque de Rodinson – um marxista –, ele afirma que sua concepção de história “se encontra muitíssimo mais próxima do pensamento de Marx do que a sua [de Rodinson]”.⁷ O antropólogo francês ressalta que, para Marx e Engels, as sociedades primitivas são regidas por laços de consanguinidade – e não por laços econômicos. Esses laços são traduzidos pelo estruturalismo com o termo de “estrutura de parentesco”. Dessa forma, as sociedades regidas por laços de consanguinidade ou por uma estrutura de parentesco poderiam se perpetuar indefinidamente. Afirma, pois, Lévi-Strauss:

tal concepção não contradiz em nada a célebre fórmula do *Manifesto comunista*: ‘a história de todas as sociedades conhecidas até hoje é a história da luta de classes’. Na linha da filosofia do Estado de Hegel, essa fórmula não significa que a luta de classe seja coexistiva à humanidade, mas que as noções de história e de sociedade só podem ser aplicadas, com o sentido pleno que lhes dá Marx, a partir do momento em que surge a luta de classes.⁸

6. LÉVI-STRAUSS. *Antropologia estrutural*, p. 357.

7. LÉVI-STRAUSS. *Antropologia estrutural*, p. 360.

8. LÉVI-STRAUSS. *Antropologia estrutural*, p. 360.

5. LÉVI-STRAUSS. *Antropologia estrutural*, p. 357.

O materialismo histórico, nesse sentido, não seria incompatível com a ideia de história que Lévi-Strauss emprega em seus livros, seria, antes, concordante. As sociedades ditas primitivas estariam somente “de fora” da história e da sociedade no sentido pleno que Marx elaborou.

Além de todo o exposto, Lévi-Strauss⁹ também afirmava em *Tristes Trópicos* que “raras vezes dedico-me a enfrentar um problema de sociologia e etnologia sem previamente re- vigorar minha reflexão com algumas páginas do 18 de brumário de Luís Napoleão ou da Crítica da economia política”, obras chaves de Marx e Engels. Enfim, acho que fica clara certa influência marxista nesse precursor do estruturalismo.

Nos dirigindo agora a Barthes, pode-se afirmar que este não se destacou por entrar em polêmicas (com) marxistas, mas, sim, criou um ambiente teórico em que um conceito pudesse transitar e variar de sentidos: a ideologia. Vejamos essas variações ao longo dos textos supracitados. Em seu primeiro livro, *O grau zero da escrita*, o conceito seria quase como um guia para seus estudos. O autor, antes de se tornar a referência do estruturalismo literário francês, foi tomado como um autor marxista,¹⁰ que, adentrando o desenvolvimento do estruturalismo antropológico, readaptou-se a uma nova perspectiva crítica. Digo isso para afirmar que o marxismo – e também o existencialismo – não são estranhos ao estruturalismo.

Farei, logo a seguir, uma breve apreciação da aparição do conceito de ideologia ao longo de parte da obra de Barthes e mais adiante discutirei propriamente essas divergências/convergências. É interessante notar como esse termo vai ganhando contornos diversos em textos diferentes. Barthes, contudo, não se preocupa muito em conceitualizar o que chama por ideologia, mas podemos inferir certa noção pela aparição e no contexto em que aparecem em seus textos. Despreocupado que parece em definir sua ideia de ideologia, talvez o teórico francês tenha mesmo a seu lado a tal “vertigem do descentramento”, tal como cunhou Leyla Perrone-Moysés sobre a obra de Barthes, para “inventar novas relações”¹¹ entre textos, teorias e teóricos.

Em *O grau zero da escrita* esse crítico literário utiliza diversas vezes o termo ideologia: “É que a ideologia burguesa perdurou, isenta de fissura, até 1848, sem o mínimo de abalo, na passagem de uma revolução que dava à burguesia o poder político e social”,¹² ou nessa outra passagem, “mas, dessa vez, o instrumento formal não está mais a serviço de uma ideologia triunfante; é o modo de uma situação nova do escritor”,¹³ entre outros trechos ao longo do texto. Ideologia, aqui, é utilizada para indicar o pensamento dominante da sociedade – nesse caso, o burguês – e ele concebe o escritor como aquele que inicialmente seria a figura contraideológica, mas que, por características intrínsecas ao capitalismo, acabaria sendo engolido e acolhido pela história literária, perdendo o seu potencial revolucionário.

9. LÉVI-STRAUSS. *Tristes trópicos*, p. 55.

10. Cf. PERRONE-MOISÉS. Apresentação, p. 7.

11. PERRONE-MOISÉS. *Texto, crítica, escritura*, p. 30.

12. BARTHES. *O grau zero da escrita*, p. 52.

13. BARTHES. *O grau zero da escrita*, p. 69.

É interessante notar que Barthes ao passo que coloca o escritor como o condutor de ideias contraideológicas, ele mesmo pode não perceber estar inserido em um contexto totalmente ideológico, que o aproxima de uma condição de alienação; “cada escritor que nasce abre em si o processo da Literatura; mas se ele a condena, concede-lhe sempre um prazo que a Literatura utiliza para reconquistá-lo; por mais que crie uma linguagem livre, devolvem-na a ele fabricada, pois o luxo nunca é inocente”. É aqui, pois, que emerge uma primeira distinção importante para Barthes, entre o escritor e a escrita (posteriormente, ainda, podemos incluir a ideia de escritura). O escritor poderia ser “engolido” pela ideologia dominante, mas não necessariamente a escrita.

Já em sua fase estruturalista, como no texto “O que é a crítica”, Barthes irá entender ideologia como uma deformação “científica” do real, ou seja, quando um determinado grupo tenta chegar à realidade de um objeto – no caso, a literatura – sendo eclipsado por uma ideologia que ofuscaria os contornos exatos desse objeto. Afirma Barthes que na crítica francesa, em função de uma “atualidade ideológica”, os modelos teóricos são importantes porque “dão sem dúvida ao praticante a certeza de participar ao mesmo tempo de um combate, de uma história e de uma totalidade”,¹⁴ sendo que o lansonismo seria produto definidor de uma crítica absorvida em ideologia, que abandona a real ciência para não se

contentar em “exigir a aplicação das regras objetivas de toda pesquisa científica, ele [o lansonismo] implica convicções gerais sobre o homem, a história, a literatura, as relações do autor e da obra”.¹⁵ Por fim, Barthes chega a afirmar que uma

escolha ideológica não constitui o ser da crítica, e que a verdade não é sua sanção. A crítica é outra coisa diversa de falar certo em nome de princípios verdadeiros. Portanto o pecado maior em crítica, não é a ideologia, mas o silêncio com o qual ela é recoberta.¹⁶

Enfim, a crítica poderia superar os problemas de obliteração da visão em relação a um texto literário. Um estudo científico mais sistemático e metodológico deveria, para Barthes, desamararrar o estudo da literatura de uma estrutura ideológica, como se afirmasse, por fim, que existe uma forte ideologia marxista, ponto que Louis Althusser, um estruturalista de outra área, iria desenvolver. De qualquer forma, é imprescindível perceber neste trecho a importância que Barthes dará à ideologia, criticando a suposta imparcialidade ideológica que algumas teorias e teóricos tentam sustentar. A crítica ideológica, nesse sentido, descortina não só a obliteração do real como também desarticula uma teoria que se pretende imparcial quando, na verdade, apresenta, sim, traços ideológicos, mesmo quando não explícitos.

14. BARTHES. O que é a crítica, p. 157.

15. BARTHES. O que é a crítica, p. 159.

16. BARTHES. O que é a crítica, p. 160.

O último ponto que gostaria de abordar concernente a Barthes e à ideologia está presente em seu texto “O efeito de real”, no qual aborda o Realismo a partir da obra de Flaubert. É nesse texto que uma complicação marxista pode ser encontrada, já que ele argumenta que, discursivamente, um texto não poderia “alcançar” o real. Argumenta o autor que

a ‘representação’ pura ou simples do ‘real’, a relação nua ‘do que é’ (ou foi) aparece assim como uma resistência ao sentido; esta resistência confirma a grande oposição mítica do vivido (ou do vivente) e o inteligível; basta lembrar que, na ideologia de nosso tempo, a referência obsessiva ao ‘concreto’ (...) está sempre armada como uma máquina de guerra contra o sentido, como se, por uma exclusão de direito, o que vive não pudesse significar – e reciprocamente.¹⁷

E ele ainda afirma certa obsessão com o real na época do Realismo (fotografias, museus, a escrita da história), e que “Tudo isto diz que o ‘real’ é suposto bastar-se a si mesmo, que é bastante forte para desmentir qualquer ideia de ‘função’, que sua enunciação não tem nenhuma necessidade de ser integrada numa estrutura e que o *ter-estado-lá* das coisas é um princípio suficiente da palavra”.¹⁸ Sua problematização do Realismo – “retirar” o “real” do Realismo – termina por concluir com a noção de *efeito de real*, “fundamento desse

inverossímil inconfessado que forma a estética de todas as obras correntes da modernidade”.¹⁹

Esse *efeito de real* denota aqui uma outra perplexidade ideológica: sem uma probabilidade de se apreender o real como tal, a linguagem literária – e, de certa forma, toda a linguagem – aparece como simulação. Se não é mais o real que pode ser apreendido pela linguagem, sendo fundamento de um inverossímil, a que (ou a quem) a crítica ideológica se dirige? O discurso sobre a ideologia em Barthes, nesse sentido, parece ser uma denúncia de obliteração do real, ao mesmo tempo em que afirma que o real não pode ser apreendido: é mais uma denúncia das ideias dominantes, mas não com objetivo de revelar *a verdade*, mas de revelar que essa verdade é, apenas, um efeito. A função da crítica e da Teoria em Barthes passa a ser, então, contra a simulação ou dissimulação. É nesse caso que sua obsessão com Madame Bovary parece mais intrigante.

É interessante notar qual as variações que “ideologia” adquire na obra de Barthes e que aqui colhemos rapidamente em três de seus textos. Esse teórico francês, já dito, inspirou-se enormemente na antropologia estrutural para desenvolver – junto com Todorov – várias das premissas básicas do estruturalismo na literatura. Mas independente da herança marxista que poderia ter vindo a reboque pela inspiração antropológica, Barthes utilizou bastante da ideia

17. BARTHES. O efeito de real, p. 41.

19. BARTHES. O efeito de real, p. 43.

18. BARTHES. O efeito de real, p. 42.

de ideologia, tanto de uma forma muito mais próxima dos marxistas – ou conceito “forte”, como definido por Noberto Bobbio –,²⁰ como de um significado “fraco”. Por significado fraco, entende-se “aquele em que o termo designa sistemas de crenças políticas, conjunto de ideias e valores cuja função é a de orientar comportamentos coletivos relativos à ordem pública”.²¹ O conceito forte, por sua vez, seria o que se refere, “desde Marx, a uma distorção no conhecimento”.²²

Essa separação, entretanto, não é unânime: Michel Vovelle, por exemplo, entende que o termo remete a uma herança diversa e que o conceito “está longe de ser universalmente aceito”.²³ Stuart Hall também irá argumentar, contra a separação da noção de “forte” e “fraco”, em *O problema da ideologia*.²⁴ Parece-me claro também que Marx e Engels desenvolverão o termo tanto em uma direção quanto em outra, mesmo em uma obra cujo significado forte parece estar mais em voga, *A ideologia alemã*. Ali, a predominância é do uso forte do termo, já que se tratava de um discurso contra o idealismo, mas, por outro lado, nem sempre o termo ideologia era empregado para denunciar distorções no conhecimento empreendidas por uma “ciência”, ou seja, as ideias falsas. Mas, mesmo assim, Marx e Engels²⁵ afirmam que o pensamento dominante – que justificaria certas formas de dominação – é o que define o pensamento de determinada época e modo de produção. Dessa forma, é o conceito fraco

que aparece como substância para o conceito forte, já que é o sistema dominante de ideias que forneceria a distorção no conhecimento das pessoas.

Nesse sentido, em *O grau zero da escrita*, Barthes irá, sobremaneira, utilizar o termo com o sentido “fraco”, indicando, ao longo do texto, que o problema ideológico ali seria um problema que parte do pensamento hegemônico – para retomar um termo de Gramsci – para indicar como a literatura responde, ou mesmo combate, esse pensamento. A literatura não necessariamente estaria disposta a enfrentar a “falsificação da realidade”, mas seria, de certa forma, uma arma contraideológica, mas que correria o risco de ser absorvida e, daí, começar a pertencer a essa ideologia dominante.

Em “O que é a crítica”, Barthes se volta para a questão da distorção do real a partir de uma premissa que seria supostamente científica, algo que o aproximaria de uma corrente mais tradicional marxista que sequestrou - para usar o termo que Stuart Hall – para dotá-lo desse significado. A função da crítica, nesse sentido, seria a de fazer com que esse real fosse buscado, exposto e entendido. Barthes, pois, transita entre *O grau zero da escrita* e “O que é a crítica”, de uso do conceito dito “fraco” para um dito “forte”. O uso dúbio ou variado do termo por Barthes reflete, ainda, outra faceta: em sua fase chamada por alguns de “marxista”, utiliza esse conceito “fraco”; e em sua fase estruturalista, o conceito “forte”, criando,

20. Cf. KONDER. *A questão da ideologia*, p. 10.

21. KONDER. *A questão da ideologia*, p. 10.

22. KONDER. *A questão da ideologia*, p. 10.

23. VOVELLE. *Ideologias e mentalidades*, p. 14.

24. Hall (2011, p. 252) afirma que “assim que nos afastamos de uma leitura religiosa ou doutrinária de Marx, as aberturas entre os vários usos clássicos do termo e suas mais recentes elaborações não são tão fechadas como nos fazem crer as atuais polêmicas teoricistas”.

25. Cf. MARX & ENGELS. *A ideologia alemã*, p. 48-54.

assim, uma confusão entre as fronteiras que delimitaria o uso tradicional por marxistas e o uso do que seria o “senso comum” como quis separar tão claramente Noberto Bobbio, exposto acima.

Essa confusão de fronteiras, pois, é escancarada quando do texto “O efeito de real”. Barthes, nesse texto, conjuga, sem discernir, as duas variantes do termo ideologia, ao mesmo tempo as anulando e as retificando: por um lado articula que o “real” não é mais do que um efeito, por outro ataca a ideologia que se pretende como a mais real, isto é, uma ideologia burguesa que tem no realismo sua premência. Barthes, dessa forma, faz com que as variantes do conceito possam “viver junto”, coabitar, num mesmo texto, com seus múltiplos sentidos, com seus múltiplos significados, centralizando e, ao mesmo tempo, descentralizando o significado por trás desse conceito tão cheio de (re)significações.

Portanto, é possível perceber que o uso do conceito de ideologia, por Barthes, é bastante diverso e faz com que, como sonhou em *Como viver juntos*, que os mais diversos e divergentes teóricos possam ocupar a mesma mesa, seguindo linhas e espirais que unam e atam diversos espaços e tempos. Em suma, sua obra não é uma forma de endurecer e calcificar conceitos e teorias (e teóricos), mas uma obra de transição e comunhão. Nesse sentido, há de se tornar atendo às nuances ao longo de sua obra. Se inicialmente o conceito

de ideologia denotava os pensamentos gerais de uma determinada época, posteriormente ele veio a determinar aquilo que estava obscurecido por alguma forma de conhecimento e, posteriormente, ainda, essa distinção não pode mais ser concretamente aceita. Se, inicialmente, o estudo da ideologia teria como função determinar as pulsões contraideológicas, isto é, as pulsões contra o pensamento dominante, posteriormente, para Barthes, o estudo da ideologia passa a ser contraideológico em um outro sentido: contra toda a forma de poder que quer instaurar uma, e só uma, verdade. É mais ou menos isso que Barthes afirma em uma entrevista:

Eu não sou filósofo, mas é certo que, por exemplo, fui levado a militar teoricamente contra o que se chama monologismo, ou seja, o reino, a dominação de uma linguagem única, de uma interpretação única do sentido, contra as filosofias do sentido único e imposto; sempre militei com o máximo de vigor que pude a favor da pluralidade das interpretações, da abertura absoluta do sentido, se necessário das isenções de sentido, das supressões, das anulações de sentido.²⁶

Ao conseguir articular um mesmo conceito acolhendo e criando para ele uma multiplicidade de significados, Barthes, pois, constrói um discurso que se quer pluriforme e não uniforme, isto é, um discurso que se quer contraideológico, mas não num sentido de busca pelo poder, de conquista, mas de

26. BARTHES. *Inéditos*, p. 165.

recusa do poder. É nessa segunda nuance, nessa luta contraideológica que questiona a unicidade da verdade, que a clássica frase de *Aula* parece ainda mais arrebatadora: “nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor”.²⁷

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. O que é a crítica. In: _____. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BARTHES, Roland. **Como viver juntos**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: BARTHES, Roland; BREMOND, Claude; et alii. **Literatura e semiologia**. São Paulo: Vozes, 1971.

BARTHES, Roland. **Inéditos**: vol. 4 – política. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

COUTINHO, Carlos Nelson **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GOLDMAN, Marcio. Lévi-Strauss, a Ciência e as outras coisas. In: QUEIROZ, Ruben Caixeta de & NOBRE, Renarde Freire (Org.). **Lévi-Strauss: leituras brasileiras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

HALL, Stuart. O Problema da Ideologia. In: _____. **Da diáspora**. Trad. Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; et alii. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Ática, 1978.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Apresentação. In: BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Trad. Maria Julia Cottvasser. São Paulo: Brasiliense, 2004.